

**POÉTICAS DA RESISTÊNCIA: DIÁLOGOS ENTRE FOLHETOS DE CORDEL
E XILOGRAVURAS SOBRE O CALDEIRÃO**

Ana Cláudia Veras Santos (UFC)

Martine Suzanne Kunz (UFC)

Resumo: A literatura de folhetos nordestina é uma poesia que passa por transformações do ponto de vista da condução argumentativa ao versejar fenômenos associados às "minorias" populares, caso do Caldeirão do beato José Lourenço. O intuito é observar narrativas desse fenômeno, como a xilogravura, em diálogo com o cordel. A partir do cotejo dessas representações foi possível balizar quebras de paradigmas na condução das narrativas, num esquema de mudança processado pelo poeta que rompe com a tradição da poesia popular e passa a se valer de "assinaturas de prestígio" como fontes para sua poética (BOURDIEU, 2002). Essa nova situação de legitimação argumentativa se configura como medida de rebate àqueles que colocam o cordel numa subcategoria em relação à literatura "hegemônica". Desse modo, o cordel se insere num terreno movediço e formado por contrassensos, sobretudo, quando narra conflitos históricos que continuam em desenvolvimento. Caso das narrativas aqui apreciadas que cerca de oitenta anos após seu acontecimento, quando se deu a invasão do Caldeirão, em 1930, no Cariri cearense, são (re)criadas. Seus rumores tiram do esquecimento o conluio personificado no Estado, na Igreja Católica e nos grandes proprietários que ao "temer" uma nova Canudos, teria destruído aquela comunidade "modelo de reforma agrária". Nesse sentido, a conduta dessas narrativas reunidas num *corpus* composto por folhetos remanescentes do fenômeno, mais os produzidos em 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, a colocaria num patamar de documento literário e histórico juntamente com outras performatividades que representam o Caldeirão em oposição às elites detentoras da linguagem. Propomos analisar essas narrativas, suas memórias e os diálogos que constituem essa teia de sentidos, a partir da sentença que elevaria a poesia a uma forma líquida em torno da qual as potencialidades de "compartilhamento de códigos" (BARTHES, 2004) e as "intertextualidades" estariam a seu serviço.

Palavras-chave: Literatura de folhetos nordestina. Narrativas. Diálogos. Caldeirão do beato José Lourenço.

O desfiar da memória

A poesia de folhetos de cordel que ora se apresenta é parte de uma poesia que considero sinônimo de resistência, que assim se configuraria desde o seu suporte editorial, primeiramente, perpassando pela organização e defesa de seus pontos de vista, na condução dos argumentos e buscas por legitimidade. Ao versejar, por exemplo, fenômenos de revoltas associados às “minorias” populares, como o episódio do Caldeirão do beato José Lourenço, tema desta pesquisa, as potencialidades podem ser observadas pelo público leitor e/ou ouvinte.

O intuito é apresentar narrativas sobre o Caldeirão e temas correlatos a partir de representações como a xilogravura, por exemplo, que é também poesia talhada em madeira como diria Carvalho (1998), em diálogo com a poesia de folhetos.

De acordo com estudo comparativo realizado anteriormente, essa poética popular está em um processo de constante movimento de mudança e adaptação quanto aos seus referenciais. A partir do cotejo estabelecido entre essas representações, foi possível observar quebras de paradigmas na condução das narrativas efetuadas pelo poeta que rompe com a tradição da poesia popular em versos e passa a se valer de "assinaturas de prestígio", como fontes para sua poética (BOURDIEU, 2002). Talvez tal medida condiga com uma busca por legitimação argumentativa e rebate àqueles que colocam a literatura de folhetos de cordel em uma subcategoria em relação à dita literatura hegemônica. A fim de ilustrar essa conjuntura, exponho o tratamento que o poeta popular dá as suas fontes. Vejamos:

Em 1982, Cláudio Aguiar fez o romance *Caldeirão*, nesse mesmo ano Rosemberg Cariry e Oswald Barroso lançam *Cultura insubmissa*. Em 1985, Cariry estréia o filme *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, despertando nos espectadores sentimentos de toda ordem e promovendo em alguns o interesse em conhecer mais essa história, como ocorreu com o Régis Lopes, que mais tarde, em 1991 lançaria *Caldeirão*, com depoimentos de remanescentes e também influenciando outros estudos e produções, como foi o caso do poeta Paulo de Tarso, que escreveria sua representação no cordel um ano depois.

Fato é que essas iniciativas foram fundamentais para a elaboração dos folhetos dessa geração. Dispomos de quatro títulos desse período, todos tendo como ponto comum, além da temática, o argumento de terem sido feitos à luz de outro trabalho, como os acima citados.

É de 1981, o cordel *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*, de J. Normando Rodrigues, que traz na quarta capa, a seguinte explicação:

Crato, junho de 1981. Além das histórias ouvidas da boca de quem viveu essa aventura, pesquisei os livros, CULTURA INSUBMISSA - Roseberg Cariry e Oswald Barroso. CANGACEIROS E FANÁTICOS – Rui Facó – MILAGRE EM JUAZEIRO – R. Della Cava. NAÇÃO CARIRY – Revista nº 9/83 – Edições Folha de Piqui – Distribuição Bolart (Jackson Bantin) – agradeço o apoio de Eloi Teles e Expedito Sebastião da Silva (Poetas Cordelistas). Impresso na Gráfica ABC – Juazeiro do Norte. (RODRIGUES, 1981, p. 16).

Dessa forma procedeu Francisco Artur Pinheiro Alves com o cordel de 1984, *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*, onde diz nos créditos iniciais: “Inspirado na obra “CALDEIRÃO” de Cláudio Aguiar” (ALVES, 1984).

Igualmente, o poeta Paulo Nunes Batista, com a *História do Boi Mansinho e o Beato José Lourenço*, de 1988, ressalta em nota: “Estes versos foram inspirados no trabalho “O Beato José Lourenço, o boi mansinho e o problema social do Caldeirão”, de Fátima Menezes” (BATISTA, 1988, p. 20).

O Beato José Lourenço e o Caldeirão, 1ª edição de 1992, com autoria do poeta Paulo de Tarso B. Gomes, que na última capa traz a seguinte explicação:

O Caldeirão, de Régis Lopes, resgata um momento importante da história dos movimentos populares do Ceará. É um livro definitivo que coloca na ordem do dia este tema de tão escassa bibliografia. A partir do trabalho de estréia de Régis Lopes, o poeta e estudante de história Paulo de Tarso Bezerra Gomes transpôs para os códigos da literatura popular em verso o relato da comunidade do beato José Lourenço. **É uma forma de levar este episódio de resistência a um público mais amplo.** A ADUFC apoia esta iniciativa cultural que considera de maior relevância. (GOMES, 1992 – grifo nosso).

Conforme podemos observar, essas narrativas têm um ponto de partida em comum, foram inspiradas por outras produções.

E, a partir dessa constatação e do que os próprios autores falaram acerca de seus trabalhos, o ponto de chegada também pode ser vislumbrado, ou seja, a ideia é que os acontecimentos que envolveram o beato José Lourenço e suas comunidades chegassem, segundo Gomes (1992), ao conhecimento de “um público mais amplo”, que caso não tivessem acesso à literatura erudita ou às demais artes anteriormente citadas, se deparariam com a leitura ou audição dos versos populares sobre esse fenômeno, de

modo que esta *performance*¹ acompanharia o entendimento das pessoas sobre a realidade assistida no Caldeirão.

Portanto, percebemos discursos definidos nessas representações aqui dispostas. Desde aquele pautado sob a ótica religiosa fundamentada no ideal de liberdade, salvação, fé e política, juntamente com o discurso de levar para o povo a história do povo, com influências sistematicamente associadas ao seu contexto histórico e condizentes com o lugar ocupado pelo seu emissor.

Essa situação de busca por referenciais teóricos se estende aos folhetos da década de 2000. *O Caldeirão dos esquecidos*, de Ulisses Germano (2016), cita Firmino Holanda como seu influenciador. Fco Edésio Batista, com *O Caldeirão e o Beato Zé Lourenço* (2002), faz referência a um artigo de Zuza da Botica quando do centenário da invasão do Caldeirão. Geraldo Amâncio, com *O terrível massacre do Caldeirão do Beato Zé Lourenço* (2001), alude a Rosemberg Cariry, Chico Sá e Oswald Barroso, por exemplo.

Interessante apontar que os folhetos dialogam entre si e que corroboram em muitos aspectos, como a situação de fartura, união, fé e trabalho no Caldeirão e acerca das injustiças que as comunidades lideradas pelo beato foram sofrendo ao longo do tempo.

É possível pensar também que o recurso de estabelecer elos com a literatura considerada canônica seja uma forma de sobrevivência no meio de produção, edição e recepção do poeta e de sua poesia. Afinal, muitos finais não felizes já foram atestados para o cordel. Certamente, seus tempos áureos, de “glamour” ficaram com os seus mestres, todavia, deixaram uma arte que continua viva, já não é mais uma menina vinda das obsoletas máquinas de impressão, mas que permanece como parte de uma cultura sólida, que como faz parte do curso natural das coisas, passa por transformações.

Do silêncio ao rumor

Assim, ao romperem com o silêncio imposto às “minorias”, entre as quais, incluo, o próprio suporte do folheto, que é muitas vezes considerado uma literatura menor em comparação com as literaturas, ditas hegemônicas, estabelece um elo de diálogo com alguns segmentos sociais e tira da borda da história (também literária), as

¹Poderíamos inferir que dentro do contexto de poesia oral, “a performance manifesta a ligação primária entre o corpo humano e a poesia.” (ZUMTHOR, 2010, p. 221).

memórias constituídas, as memórias em constituição e as memórias a se constituírem em torno da comunidade liderada pelo beato José Lourenço.

Daí, destacamos as múltiplas possibilidades de significados em torno das leituras das poesias de folhetos, quando versem fenômenos históricos, a exemplo do Caldeirão. Concordo que a literatura, elaborada por inúmeras linguagens, tem potencial para tirar do esquecimento entraves históricos, além de modificar pontos de vista já estabelecidos e reescrevê-los, através de diálogos entre representações que constituem polifonias e intertextualidades. Não há um ponto final acerca da história do Caldeirão, nem tão pouco das narrativas e seus rumores.

Aspecto que considero relevante pontuar, é em relação ao procedimento de escolha que envolve as capas dos folhetos. Seguindo o raciocínio do “compartilhamento de códigos” entre o poema do folheto e o poema da madeira, observamos certas incidências como a do folheto que abre a série desse novo recorte analítico sobre o Caldeirão do beato José Lourenço, feito mais especificamente dos anos 2000 em diante.

O terrível massacre do Caldeirão do Beato José Lourenço, de Geraldo Amâncio (2001), traz na sua capa uma xilogravura do poeta e também xilógrafo J. Normando Rodriguez, cuja xilogravura de 1981, é uma alusão ao arquétipo dos santos guerreiros, como São Jorge e São Miguel, por exemplo, compondo uma transmissão de símbolos, uma vez que o herói montado no cavalo pretende ser o beato José Lourenço sobre o seu Trancelim, assim como, a figura de um soldado sob a lança do cavaleiro, representaria uma transposição com o dragão legendário.



A imagem é interessante porque nela se (r)estabelece a ideia de vitória, não de derrota. José Lourenço teria saído vitorioso da luta, não vencido como a História

registrou. Nesse ponto de vista é significativa a forma como o poeta do verso e/ou do talhe escolhe compor sua narrativa, decidindo quem será o forte, o digno, o redentor, em oposição aquele que sugestionaria o mal. Ainda acerca desse exemplo, é de valia apontar que J. Normando Rodrigues elaborou um cordel em torno do Caldeirão do Beato José Lourenço, em que inaugura a xilo em questão.

O folheto de Rodrigues, “O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão” direcionou o exemplo da comunidade do beato José Lourenço para além da condição religiosa do Caldeirão, associando-o a ideais políticos, fazendo valer sua opinião de poeta sobre aquela situação, de modo que a figura do beato não é a mais importante, mas o comportamento dos membros do Caldeirão como um todo, o conjunto fez a força nos versos de Rodrigues.

E assim foi o destroço
daquele povo ordeiro
que só fazia rezar
trabalhar o dia inteiro
que só puderam viver
até meu Padim morrer
e proteger os romeiros

Quando o rico fazendeiro
que a pobreza explorava
se juntou o falso padre
que só dinheiro buscava
foi destruída a cidade
e o sonho de liberdade
que nosso sertão criava

Foi uma dura lição
pro povo pobre aprender
que não é só com santo e reza
que ele vai se valer
além de muita união
trabalho e organização
CORAGEM pra se defender
(RODRIGUES, 1981, p. 15).

A narrativa termina com um recado ao leitor, ao povo que quando diante de uma situação de submissão ou de exploração deve seguir o exemplo de Lourenço e do Patriarca de Juazeiro:

Morreu o Beato Lourenço
no ano de quarenta e seis
cercado de sua gente
mostrou o caminho a vocês

pobres do meu sertão
só lhes resta a UNIÃO
na luta do camponês.

Quando forem a Juazeiro
não deixem de visitar
o túmulo desse beato
que em vida soube lutar
um exemplo de Justiça
seu viver SOCIALISTA
o povo deve imitar

E quando o sertão tiver
a união conseguido
do camponês explorado
sem terra desassistido
Padre Cícero sorrirá
E pro beato dirá:
“NOSSO EXEMPLO FOI SEGUIDO”.
(RODRIGUES, 1981, p. 16 – grifo nosso).

O poeta usou letras maiúsculas para destacar expressões que quis evidenciar ao longo do texto, que talvez condigam com a movimentação política e ideológica do seu meio social. Juntas essas expressões formam a seguinte ideia: “JOSÉ LOURENÇO CORAGEM UNIÃO SOCIALISTA “NOSSO EXEMPLO FOI SEGUIDO””.

A reutilização de capas de folhetos também parece prática comum, a respeito desse recurso e do que ele representa, é algo que merece ser apreciado mais cuidadosamente. Pois, pode implicar na economia com os gastos de uma nova ilustração, como observou Carvalho (1998), ou ainda aludir à possibilidade de “compartilhamento de códigos” entre essas narrativas, (Barthes, 2004).

A poesia talhada e a poesia escrita

No álbum de xilogravuras “A história do Caldeirão do Beato Zé Lourenço, do artesão Cícero Vieira, vários elementos que compõem a historicidade do Caldeirão dividem a cena. Vieira dá vida pelos veios de sua madeira ao trabalho, a fé e a união, cujas personagens Padre Cícero, boi Mansinho e a mítica Juazeiro dividem lugar com o que houve de melhor (benfeitorias) e de pior (prisão do beato, morte do boi, invasão da comunidade, luta, guerra, bombardeios aéreos) no Caldeirão.

A mistura de movimento, ação e múltiplas expressões na composição de suas gravuras, coloca o observador em contato com uma representação que se desenvolve a cada taco talhado, onde se percebe uma sequência fundamentada nas narrativas de cunho popular, na tradição oral, nas suas experiências de mundo e nas relações com

seus pares. Vieira trabalhou na agricultura, assim como José Lourenço Gonzaga, cuja profissão desempenhada colaboraria muito para ampliar a visão do artesão acerca do universo circundante, segundo Carvalho (1998).

Vejamos seis das xilogravuras do álbum de Cícero, onde o artista traça momentos definitivos da história do Caldeirão do beato José Lourenço, desde sua chegada a Juazeiro do Norte, a conversa com Padre Cícero, a ida para o Caldeirão, o cultivo da terra, a invasão e destruição da comunidade e as notícias sobre seu “fim”.





Outro poeta e xilógrafo aqui solicitado é Abraão Batista, com o trabalho de toda uma vida dedicado ao verso e à madeira, também retratou o fenômeno Caldeirão, em um romance de folheto de cordel, cuja narrativa é significativa pelo fato de ter sido através dela que se deu a abertura das narrativas que se tem registro sobre a comunidade do beato José Lourenço, nos finais dos anos 1960. Isso, depois de transcorridos quase quatro décadas de silêncio. Interessante apontar que Batista gravou a vida de Padre Cícero também, de sua chegada a Juazeiro até sua morte, em trabalho que inclui o Caldeirão do beato, em uma “intertextualidade” plena de narrativas que se compartilham entre si.

Abraão nasceu em 1935, filho de Juazeiro, ouviu a história do Caldeirão através do que lhe contava sua mãe². É um poeta que se diferencia pela forma de versejar acontecimentos retirados da sua vivência, do “ouvir falar”, assim como era a experiência profissional de boa parte dos poetas populares e cantadores de bancada, cuja conversa ao pé de parede rendia boas histórias para folhetos. É claro que o fato de Batista ser professor o aproxima também dos outros poetas da catalogação acerca do Caldeirão, que organizam suas narrativas em torno de argumentações legitimadas por uma “assinatura de prestígio” (BOURDIEU, 2002), o que, de certa forma, resguardaria sua versão dos atropelos da história. Procedimento comum entre os poetas com

²Segundo entrevista com Abraão Batista realizada durante a Bienal do livro de Fortaleza em 2012.

produções de ciclos a partir dos anos 1980, que ao trabalharem com narrativas de fatos históricos, buscam estudar trabalhos que resguardem suas obras.

Essa metodologia desenvolvida não apenas por poetas, mas por xilógrafos³ também, vem corroborar para que se marque uma mudança de paradigma na condução, composição e produção das obras, com reflexos na obra em si e na sua fruição. Afinal, observamos que a literatura de folhetos, quanto aos seus mecanismos funcionais, vem passando por constantes mudanças, desde a sua forma material até ao que consideramos a parte sensível da obra, a sua poética. Certamente, algumas regras são mantidas e correspondem às formas fixas da literatura popular em versos, sua metrificação e rimas, por exemplo.

Nesse sentido os folhetos de cordel elaborados nos anos 1980 se diferenciam dos folhetos clássicos. O poeta também mudou, acompanhou os avanços do mundo que o cerca, sendo as narrativas provenientes dos anos 2000 uma espécie de continuidade dos atributos observados na década de 1980.

É interessante acrescentar que há variantes em torno desse “novo cordel”, do que ele traz de urbano, de contemporâneo, inovador, se pensarmos na participação ativa de poetas mulheres na produção dessa poética, num espaço que até bem pouco tempo, era hegemonicamente masculino e até machista, se observarmos os títulos que envolvem a situação do feminino em constante chacota ou submissão. Em oposição a esse estado de coisas, temos os Cordelistas Malditos, compondo acerca da inclusão de temas libertadores, LGBTs, feministas, por exemplo. De modo que esses fatores interferem direta e indiretamente no contexto mais amplo em que se insere essas narrativas acerca do beato José Lourenço e o seu Caldeirão.

A imagem associada à história do Caldeirão do beato José Lourenço vem trazer novos pontos de vista, é mais uma representação a tirar do esquecimento a que é imposto, muitas vezes, a história dos vencidos. *Os sertões*, de Euclides da Cunha, foi responsável por “vingar” Antônio Conselheiro e o povo de Canudos. *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, filme de Rosemberg Cariry, tem influenciado muitas produções acerca do fenômeno, formando uma teia “intertextual” interessante, confirmando que

³José Lourenço Gonzaga nos revelou em conversa em 16/04/16 que para desenvolver qualquer trabalho, precisa estudar muito, para se ater aos detalhes que gosta de dar às suas representações. Igualmente, Cícero Vieira se colocou, revelando que para realizar seu álbum de xilogravuras sobre o Caldeirão leu alguns textos, livros cedidos por um professor que lhe mostrou a história da comunidade que o artesão desconhecia até 2008, mesmo sendo da região onde ocorreu o fenômeno Caldeirão.

cinema, pesquisas acadêmicas e literatura (a popular, inclusive) possuem diversas possibilidades de diálogo.

A palavra e a imagem, o verso e a xilogravura, a rima e a voz, estariam corroborando para fortalecer a “nova história” do Caldeirão, sob os termos de seus aliados. O “porta voz” do povo já não transmite fatos sobre o “bandido” ou o “fanático” Zé Lourenço, como fez José Santana lá atrás, mas a partir de características que elevam a personagem do beato José Lourenço ao patamar de herói, por exemplo. E assim, passando a constituir esse novo estado de coisas, no qual a cada nova poesia popular e sua respectiva ilustração, frequentemente uma xilogravura, fortalecem a imagem do Caldeirão.

Poderíamos inferir que há uma predisposição por parte desses agentes narrativos de “contaminar o real com o imaginário”, (FAUSTO NETO, 1979, p. 129), como se quisessem retirar o Caldeirão do beato José Lourenço da história para elevá-lo à categoria de mito.

Desse modo, uma implicação a mais surge a partir da relação verso e capa, a observação de que ambas incidem como parte de um mesmo interesse, partilhando do mesmo espaço e do mesmo tempo. Trata-se de uma união já antiga que atravessou ciclos de separação e que neste momento se apresenta dentro desse *corpus* de folhetos sobre o Caldeirão do beato José Lourenço, como duas representações distintas, mas integradas pela mesma narrativa.

Bibliografia

ALVES, Francisco Artur Pinheiro. **Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular**. Fortaleza: edição do autor, 1984.

AMÂNCIO, Geraldo. **O terrível massacre do Caldeirão do Beato José Lourenço**. Fortaleza: Tupynanquim, 2001.

BATISTA, Paulo Nunes. **História do Boi Mansinho e o Beato José Lourenço**. Juazeiro do Norte: Editor Setor Cultural da Casa do Pintor, 1988.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto**. Fortaleza: Cariri Filmes, 1985. Longa- metragem. Documentário. (78 min).

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yeda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FAUSTO NETO, Antônio. **Cordel e a ideologia da punição**. Petrópolis: Vozes, 1979.

GOMES, Paulo de Tarso B. **O Beato José Lourenço e o Caldeirão**. 1. ed. 2M. Fortaleza: [s.n.], 1992

HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

RODRIGUES, J. Normando. **O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão**. Crato: Gráfica ABC, junho de 1981.

SANTOS, Ana Cláudia Veras. **Representações do Caldeirão do beato José Lourenço na literatura de cordel: leituras comparativas** / Ana Cláudia Veras Santos. – 2012. 170 f. : il. color., enc. ; 31 cm. <http://www.repositoriobib.ufc.br/00001e/00001e01.pdf>

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.